

ANO 31 NÚMERO 164 JAN/MAR
2017 ISSN 2182-617X

REFRIGÉRIO

Recomeçar
de Novo



EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA EVANGÉLICA

Realizou-se nos dias 7 e 8 de outubro último, em S. Domingos de Rana, concelho de Cascais, mais uma Ação de Formação de projeção nacional, promovida pela COMACEP (Comissão para a Ação Educativa nas Escolas Públicas), no âmbito da lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica (EMRE). Neste evento pedagógico anual contámos com a presença de aproximadamente cento e trinta participantes, provenientes de todo o país, incluindo as regiões autónomas dos Açores e Madeira.

No âmbito da vertente pedagógica absolutamente central nestas formações, o tema aglutinador da Ação de Formação – “Contar a História...” – proporcionou a apresentação e reflexão sobre novos Planos de Estudos para os vários ciclos de ensino e de estudos (desde o 1.º ciclo do ensino básico ao ensino secundário), bem como o trabalho ao nível das metodologias pedagógicas e recursos didáticos que se afiguram adequados e profícuos para os Planos de Estudos apresentados, numa parceria entre a COMACEP e a APECP. Será de registar o entusiasmo que os participantes demonstraram, ao longo das várias sessões, pela utilidade prática de que se revestiu esta formação, sendo que, na avaliação final por parte dos formandos, todos se mostraram unânimes quanto ao facto de que a formação foi uma mais valia para a lecionação desta disciplina, que pretende educar para os valores e cidadania numa perspetiva cristã evangélica, e que este ano letivo regista um crescimento considerável de escolas alcançadas, facto que nos deixa muito gratos ao Senhor, que tem feito prosperar o esforço daqueles que se têm envolvido de coração neste ministério de levar o cristianismo evangélico às crianças e jovens das escolas do nosso país.



FICHA TÉCNICA REFRIGÉRIO

ANO31 NÚMERO164 JAN/MAR2017 ISSN2182-617X

Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade



Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal
CIIP
Internet: www.ciip.net
E-mail: geral@ciip.net

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda eminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Comissão Administrativa e Editorial

Eliseu Alves, Helena Sequeira e Osvaldo Castanheira

Endereço Jornal Refrigério

Rua das Eiras, 22 2725-299 Mem Martins

E-mail: refrigerio@ciip.pt

Redação Luis Pereira

Design Gráfico e Paginação Osvaldo Castanheira

Refrigério Impresso e Refrigério Online

Capa deste número Osvaldo Castanheira

Revisão e edição de Textos Cristina Calaim

Revisão e Edição de Notícias Helena Sequeira

Versão digital <http://www.refrigerio.ciip.net>

Impressão SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Depósito Legal : 21.402/88

ISSN: 2182-617X (impresso) / 2182-6188 (em linha)

Tiragem: 2200 exemplares

Preço de cada exemplar: 1,90 €

Sustentado através de ofertas voluntárias

Finanças

Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP **os cheques devem ser passados à ordem de CIIP** - NIB 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para “Revista Refrigério”.

© **Copyrights** Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. A Comissão de Publicações do Departamento de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. de Comunicações António Calaim

ATENÇÃO NOVO ENDEREÇO para correspondência

Jornal REFRIGÉRIO Rua das Eiras, 22
2725-299 Mem Martins

Cada Nº do REFRIGÉRIO tem um custo.

Esta edição teve uma tiragem de 2200 ex. e 24 págs.

Apoie este ministério com a sua oferta.

Consulte a ficha técnica e veja como o pode fazer.

R

ecomeçar/restart

por António Calaim

Quanto de nós ao longo do ano fazemos um restart, seja no velho PC, ipad, iphone ou noutros dispositivos eletrónicos que não dispensamos no nosso dia a dia.

Eu perco as vezes que o tenho feito devido a atualizações sempre prometidas para melhorar o desempenho e que muitas vezes servem só para encher e diminuir a memória, e por fim, afinal a capacidade do Telemóvel/PC. Estes ficam cada vez mais na iminência de estar e ser ultrapassados, vão para o lixo, digo para reciclagem.

Na nossa vida espiritual há oportunidade para recomeços e Graças a Deus que esta não fica diminuída pelas atualizações, novas áreas de revelação, visão, novos anseios, sonhos, para o cumprir do ministério.

Deus, através da Sua Palavra, luz do Santo Espírito e tantas vezes testemunhos de irmãos, continua a falar aos nossos corações, as nossas almas são reanimadas e com renovada dedicação estamos prontos para Servir o Amado.

A celebração de dias de aniversário, ano civil, e até a celebração da Ceia do Senhor têm sido muitas oportunidades para renovação e recomeços de novo dia, semana ou até renovadas oportunidades que nos são concedidas para novo Recomeço. Sabemos de um grupo de pessoas e igrejas no norte de Inglaterra "Não Conformistas" que se recusavam a celebrar as festas Natalícias, Páscoa e outros feriados religiosos

considerando que nenhuma das datas estavam certas, que não se deve fazer aceção de dias, semanas, luas ou até anos. Percebo-as, creio que lá nos céus não precisamos destas Festas, estaremos na presença real e constante de Deus, mas enquanto aqui, estas datas, épocas festivas são oportunidades para renovarmos os nossos compromissos com Deus, com a igreja Local com as nossas famílias e assim vivermos mais Cristo.

O Dia do Senhor está bem próximo, é uma convicção tão bem guardada e ao mesmo tempo tão esquecida.

Neste novo ano de 2017, face à nova oportunidade de recomeçar um novo ano, que se possam iniciar novos ciclos, novos relacionamentos para glória de Deus, salvação de almas e crescimento espiritual. Deus na Sua bendita Graça e misericórdia para connosco tem-nos dado oportunidades e oportunidades de novos recomeços. E nós, vez após vez, tal como o povo de Israel, temos cedido à carne, ao velho homem, ao espírito deste século e temos tido como garantido que assim foi e sempre será...

Meus queridos irmãos que as belas letras e melodias de antigos hinos e novas canções nos levem a expressar o louvor de que Ele é digno e a ter prazer e deleite numa vida cristã dedicada e deliciada n'Ele.



neste novo ano de 2017,
face à nova oportunidade
de recomeçar, que se possam
iniciar novos ciclos, novos
relacionamentos para glória
de Deus, salvação de almas e
crescimento espiritual.





ilustrações de Osvaldo Castanheira

● ● ●
**Portanto,
 tornai a
 levantar
 as mãos
 cansadas,
 e os joelhos
 desconjuntados,**

SE DEUS NÃO FOSSE ADEPTO ...

por José Carlos Oliveira

ESTAMOS NO INÍCIO de um novo ano e, brevemente, testemunharemos que a seguir ao Inverno vem sempre a Primavera. Esta verdade deve também lembrar-nos que os “Invernos” da vida são incapazes de impedir que, logo a seguir, venha a “Primavera”. Que, após a morte aparente, a vida pode ressurgir com todo o seu esplendor.

Isto só é assim porque na economia de Deus é sempre tempo de recomeçar.

Este facto é, também ele, revelador da graça de Deus, que não se manifesta apenas aquando da nossa salvação.

Bem sei que dificilmente ouvimos isso dos púlpitos, pelo menos com a intensidade desejável, mas a possibilidade de recomeçar está profusamente disseminada por toda a Bíblia, sendo que passagens como Lucas 15:10; Isaías 1:18; Provérbios 24:16 e Filipenses 1:6 podem resumir todo esse conteúdo:

“Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”

Possibilidade de recomeço.

“Vinde então, e argui-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã”

Possibilidade de recomeço

“Sete vezes cairá o justo e se levantará...”

Possibilidade de recomeço.

“Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a

boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”

Possibilidade de recomeço.

SE DEUS NÃO FOSSE ADEPTO DE RECOMEÇOS, que seria da humanidade após a tragédia do Éden? Porquê a vinda do segundo Adão (Rm.5:14-19)? Como explicar a preservação de Noé e a sua família do dilúvio? Se Deus não fosse adepto de recomeços como entender a promessa de que haverá novos céus e nova terra (Is.65:17 e II Pd.3:13)? Como explicar a intenção de Deus de fazer novas todas as coisas (Ap.21:5)? Como explicar o ensino bíblico de que, um dia, TODOS os seres humanos vão ressuscitar, para a vida eterna ou para a perdição eterna?

SE DEUS NÃO FOSSE ADEPTO DE RECOMEÇOS porque teria Ele apelado intensamente, de várias formas, à humanidade para que se reconciliasse com Ele? Porque teríamos na Bíblia as parábolas da ovelha e da dracma perdida, porque teria Jesus contado a história do filho pródigo? Se Deus não fosse adepto de recomeços porque teria Jesus falado a Nicodemos sobre a possibilidade (e necessidade) do novo nascimento e porque é que se diz que quem está em Cristo nova criatura é, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo (II Cor.5:17)? Se Deus não fosse adepto de recomeços que seria de Saulo de Tarso, de Onésimo, do carcereiro de Filipos, do centurião Cornélio e outros?



**e fazei
veredas
direitas
para os
vossos pés**



Hebreus 12:12,13

SE DEUS NÃO FOSSE ADEPTO DE RECOMEÇOS que seria de Jacó, de Moisés, de Sansão, de Elias, de David, de Salomão, da nação de Israel, de Pedro, de Tomé, de João Marcos? Que seria de todos os discípulos que, após a prisão e morte do seu Mestre, O abandonaram e fugiram transidos de medo?

SE DEUS NÃO FOSSE ADEPTO DE RECOMEÇOS para que teria Jesus edificado a Sua igreja (nova criação de Deus)? Que seria da igreja acantonada em Jerusalém, satisfeita consigo mesma por estar a crescer todos os dias e esquecida de que deveria testemunhar também em toda a Judeia, Samaria e confins da terra? Que seria dos crentes da Galácia, que se deixaram enganar pelos judaizantes? Que seria da igreja de Corinto, afogada em orgulho, divisão, confusão e escândalo? Porque mandaria Jesus que João escrevesse as sete cartas às sete igrejas?

SE DEUS NÃO FOSSE ADEPTO DE RECOMEÇOS que seria de mim, que seria de cada crente no Senhor Jesus?

DE TODOS OS EXEMPLOS que já usei, centremos agora a nossa atenção em Moisés. Moisés é a imagem daqueles que, a dado momento, parecem prometer muito e acabam por oferecer tão pouco. São assim porque se erguem orgulhosos, parecendo tudo poder e tudo saber, para logo de seguida caírem com estrondo. Como os “santarrões” das igrejas que desconfiam de todos os que não se parecem com eles e nunca desconfiam de si próprios, e por isso não vigiam.

Será que há possibilidade de recomeço para os tais? Sim, caso estejam dispostos a aprender sobre humildade, numa quarentena junto de “professores” que apenas sabem balir (Ex.3:1,2). Sim, desde que através da visão de um simples arbusto, que ardia e não se consumia, se possam aperceber que para o serviço de Deus não é preciso ser “cedro” basta ser “sarça”, desde que Deus arda no arbusto comum.

Talvez, depois desse “tratamento de choque” Deus possa dizer aos tais: “Agora sim, quero que vás aqui ou ali, quero que faças isto ou aquilo.” E, mesmo assim, Deus nunca esquecerá que os submetidos ao tratamento de choque” continuarão a ser pó, fálveis e imprestáveis sem a Sua ajuda (Salmo 103:14). Todos nós, os salvos, precisamos de ouvir, muitas vezes, as palavras do nosso amado Senhor e Salvador: “Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (João 15:5).

É sempre importante recordar o que já alguém disse um dia: “Deus não usa os capacitados, Deus capacita aqueles que quer usar”.

Ao iniciarmos um novo ano agradeçamos a Deus por Ele ser adepto de recomeços. Sejamos, também nós, adeptos de recomeços, dando, a exemplo de Deus, as necessárias oportunidades de recomeço a TODOS.

Meditando no texto de Hebreus 12:12,13, aproveitemos mais uma oportunidade para passarmos a andar de maneira e na direção que Deus nos apontar, recordando o desejo de Deus: que a Sua vontade seja feita, na terra como no Céu.

• • •
ao iniciarmos
um novo ano
agradeçamos a Deus
por ele ser adepto
de recomeços





fotos© Osvaldo Castanheira

RECOMEÇAR NA PERSPETIVA DO CASAMENTO

por Duarte Casmarrinha

No último Encontro de Casais com Cristo/Norte (ministério da Teach-Beyond/Janz Team Portugal a que tenho o privilégio de presidir), ouvi uma declaração surpreendente da parte de um dos casais “encontristas” convidados. Eles afirmaram publicamente que, antes de participarem no ECC/Norte, estavam claramente numa trajetória de divórcio mas que depois de tudo o que haviam aprendido e vivenciado naquele fim de semana, estavam agora decididos e empenhados em investir de novo no seu casamento. Aquela declaração desencadeou uma série de reações de alegria emocionada por parte de outros casais seus amigos que estavam a par da situação que o casal vinha enfrentando.

ESTE TIPO DE RESOLUÇÃO no seio de casais é cada vez mais raro nos nossos dias, na nossa sociedade e até, quer o admitamos ou não, nas nossas igrejas. A separação/divórcio parece ser em quase todos os casos a única e definitiva solução. “Recomeçar” parece ser um conceito distante do casamento, impossível para muitos casais. Talvez por isso, quando um casal de-

cide recomeçar a sua caminhada juntos conforme idealizaram no princípio, aqueles que à sua volta se preocupam (familiares, amigos e irmãos na fé) se alegram e emocionam. “Recomeçar” (começar de novo) tem a ver com aproveitar as oportunidades. Tem a ver com a capacidade individual (ou coletiva) de desejar aquilo que foi fundamental no princípio e de agir para que isso se torne (de

novo) uma realidade. O casamento entre homem e mulher revitaliza-se cada vez que se concede uma nova oportunidade à relação, ao contrato, à família!

“Recomeçar” tem a ver diretamente com Deus, o inventor do casamento! Deus tem-se revelado ao longo de todas as gerações como o Deus das oportunidades, o Deus que potencia o recomeço nos relacionamentos. Deus agiu assim desde sempre quer no Seu relacionamento com o ser humano quer na Sua intervenção no relacionamento entre os seres humanos. Exemplo disso é a parábola do Filho Pródigo, que Jesus contou em Lucas 15.11-24; ali, Jesus ensina-nos acerca da oportunidade (imerecida!) que o pai concede ao filho que regressa arrependido e em busca de um novo começo e de um relacionamento restaurado. Quando tudo podia sugerir o contrário, a oportunidade é dada e aproveitada e o resultado final é uma festa, sinónimo de alegria e gozo. A oportunidade de “recomeçar” no casamento acontece exatamente no mesmo processo, ou seja, na ca-



pacidade de reconhecer erros, em pedir perdão pelos mesmos, em perdoar os mesmos, em determinar um novo começo, em abraçar, em beijar, em revestir e... em festejar!

A Bíblia está repleta de histórias de pessoas a quem Deus concedeu oportunidade após oportunidade para restauração de relacionamentos: Jacó e o seu irmão Esaú, José e os seus irmãos no Egito, Pedro depois de negar Jesus, Onésimo ao regressar ao seu senhor Filémon, o apóstolo Paulo e o conservo João Marcos, etc.

Deus potencia continuamente a oportunidade de recomeço nos relacionamentos e em particular no casamento. Este é o Seu papel. Mas há igualmente um papel importante a desempenhar pelo marido e pela mulher para que “recomeçar” seja possível e exequível. Algumas pistas...

NÃO DEIXEM DEUS DO LADO DE FORA DA PORTA DA VOSSA CASA

DE ACORDO com os desígnios de Deus, o casamento envolve não duas mas três pessoas: marido, mulher e Deus! Deus é a fonte de força que pode revitalizar o relacionamento dos cônjuges; Deus é o vértice pelo qual a resolução dos problemas se torna possível.

A grande maioria de nós preenche as suas vidas e tempo com coisas boas, como trabalho, reuniões, amigos, compras, refeições, lazer, desporto, etc. Em resumo, uma mão cheia de coisas que ocupam e enchem os nossos dias. Mas no final de cada dia, per-

guntamos “onde estava Deus em tudo aquilo”? Torna-se necessário colocar Deus na equação em tudo o que envolve a vivência do casamento entre marido e mulher. Reco-

...

o casamento e a família
são as mais importantes
instituições
à face da terra.

Se para o preservar e
tirar dele o máximo proveito
for necessário ao casal
recomeçar,
recomeçar e recomeçar...
então que o seja!

...

meçar no casamento pode muito bem significar passar a envolver Deus em tudo o que se diz, se faz e se vive! Principalmente dentro de casa! Por isso, não deixem nunca Deus do lado de fora da vossa casa! Foi certamente a pensar neste privilégio e segurança que Josué declarou ao povo de Israel que “eu e a minha casa serviremos ao Senhor”! (Josué 24.15). Josué envolveu a sua casa (ou seja, o seu casamento e a sua família) na equação onde Deus era o centro porque entendeu que só assim poderia ser bem sucedido.

TEMPEREM AS VOSSAS LÍNGUAS COM SAL

CONTA-SE QUE na Antiguidade houve um certo rei que pediu ao seu cozinheiro para lhe preparar o melhor prato que jamais confecionara. O cozinheiro preparou-lhe, então, uma verdadeira iguaria. Depois de se deliciar com aquela refeição, o rei perguntou ao cozinheiro que prato era aquele ao que este respondeu: “língua de vaca estufada”! Passadas alguns dias, e por curiosidade, o rei pediu ao cozinheiro que lhe preparasse o pior prato do mundo. O cozinheiro apresentou-lhe, de novo, língua de vaca mas semi-crua e sem qualquer tempero. Surpreendido, o rei perguntou-lhe porque lhe trouxera outra vez língua de vaca, ao que ele respondeu: “tudo depende como usamos o ingrediente e como o temperamos”!

Será difícil recomeçar no casamento se o registo de comunicação entre o casal continuar a ser negativo. Tudo pode ser motivo de comunicação entre o casal; o resultado dessa comunicação depende, na maioria dos casos, da forma como é feita, das palavras que escolhemos e do momento em que o fazemos. O apóstolo Paulo exortou os colossenses a temperarem as suas palavras com sal sempre que comunicassem uns com os outros (Colossenses 4.6). Certamente que esta exortação era extensível aos casais daquela igreja.

Nunca como nos nossos dias as pessoas necessitam ser ouvidas. Basta dar-lhes um pouco de atenção e tempo e elas abrem o

seu coração para alguém que, mesmo estranho, esteja interessado em escutar. Isto passa-se com as pessoas mais idosas que anseiam pela possibilidade de falarem das suas memórias, das suas experiências numa altura da sua vida em que muitos dos seus interlocutores já partiram. Este mesmo fenómeno acontece entre o casal: quando conseguimos “arrancar” disponibilidade e tempo suficientes para ouvir o nosso cônjuge sobre o que se passou durante o seu dia de trabalho, uma história engraçada que fez rir, um episódio mais triste, uma frustração ou um desejo, estamos a criar as condições para recomeçar...

PERDÃO ELEVADO À POTÊNCIA MÁXIMA

Um grande comunicador do nosso tempo afirmou que “a única pergunta estúpida entre o casal é aquela que nunca foi perguntada” e que “o único pecado imperdoável é aquele que nunca foi confessado”.

Dentre todos os processos que definem os relacionamentos humanos, o perdão é, sem dúvida, aquele que mais benefício carrega e mais alicerces constrói.

O perdão abre, de forma miraculosa, a possibilidade de revitalizar o amor e o relacionamento entre marido e mulher.

O perdão dá ao cônjuge (que precisa de perdão) não o que ele/ela merece mas aquilo que mais necessita. O perdão é o resultado do amor genuíno, da misericórdia e da graça. Alguém afirmou que “a MISERICÓRDIA é Deus não nos dar aquilo que merecíamos por causa do nosso pecado e que a GRAÇA é Deus dar-nos aquilo que não merecíamos por causa do nosso pecado”. Quando estes três elementos, amor genuíno, misericórdia e graça, se juntam no casamento, naturalmente produzem PERDÃO e o perdão é o combustível para que, sempre que for necessário, haja recomeço!

O casamento e a família são a base da sociedade e a garantia da continuidade e harmonia sociais. É a mais importante instituição à face da terra. Se para o preservar e tirar dele o máximo proveito for necessário ao casal recomeçar, recomeçar e recomeçar... então que o seja! Com a ajuda e bênção de Deus!

Falar de Recomeços ...

por Levi Santiago

É FALAR DE VIDA. É falar de esperança. É falar de processo. É falar de caminho. É falar de falhas. É falar de imprevistos. É falar de quedas. Todos nós conhecemos ou até privamos com gente que caiu e, no entanto, hoje está de pé sendo inspiração de não resignação. Proponho-me escrever acerca de uma instituição, o Desafio Jovem, e de mim mesmo, como exemplo ou inspiração.

O DESAFIO JOVEM (Teen Challenge) surgiu em Nova Iorque – EUA, em 1958, quando o Pastor David Wilkerson se dirigiu aos “guetos” daquela cidade com a intenção de ajudar jovens dependentes de drogas, orientando-os na sua reabilitação e reinserção social.

O Teen Challenge não se limitou aos Estados Unidos. Foi-se estendendo a outras regiões do globo, tornando-se uma organização conceituada e reconhecida pelos governos de vários países, devido ao grande sucesso alcançado. Atualmente, está presente em mais de 100 países, onde estão estabelecidas aproximadamente 1100 comunidades que acolhem cerca de 26000 pessoas por ano, com o envolvimento e apoio de mais de 8000 colaboradores. Em 1978 surge o DESAFIO JOVEM-POR-TUGAL, (IPSS), reconhecida definitivamente como uma Instituição com Fins de Saúde e devidamente licenciada pelo Ministério da Saúde e pelo SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. Desde a sua génese, já acolheu aproximadamente 4000 pessoas e admite anualmente nas suas comunidades uma média de 150 pessoas em reabilitação e 25 em inserção. Todo este trabalho é realizado por pessoas altruístas e abnegadas que dedicam a sua vida a Cristo e às vidas desta população. Esta é a missão do Desafio Jovem: “cativar e promover a pessoa em situação de dependência para a reconstrução de uma vida sóbria, livre e condigna, tendo os valores cristãos como padrão”.

As Escrituras deixam-nos o mote: “Se alguém está em Cristo, nova criatura é, as coisas velhas passam e tudo se faz novo.”

Nunca irei esquecer um livro que li, aqui mesmo na instituição DESAFIO JOVEM, quando realizei o programa terapêutico, que falava sobre missionários, contava as suas experiências, os feitos de Deus e que impregnou em mim o desejo de dedicar a minha vida ao serviço a Deus e ao próximo. É verdade, os recomeços nem sempre nos conduzem pelo caminho que nós idealizamos. Quando eu pensava que vinha só deixar um vício, Deus trouxe outro propósito para a minha vida.

Nasci num lar evangélico, o que é um grande privilégio, e nada fazia prever que algum dia necessitaria de uma instituição como esta. Até à adolescência tudo ia bem, tudo apontava para ter uma carreira, crescimento de sucesso, sem grandes sobressaltos, o normal. Depois vieram as descobertas, a curiosidade, novas experiências, pensando que tinha tudo controlado – afinal eu até frequentava a igreja de forma muito assídua. As minhas escolhas e ações tomaram uma direção oposta a toda a educação e conhecimento cristão que tinha. Um desejo descontrolado, misturado com alguma revolta por muitas proibições, por dificuldade de integração, conduziu-me a uma vida desregrada e destituída de sentido ou objetivos.

“Vive o momento, aproveita.” Este foi o lema que me acompanhou. Passei de estudante a noctívago, e de noctívago passei a consumidor de substâncias ilícitas, o que descontrolou toda a minha vida. Viver simplesmente para consumir foi o estado a que cheguei. Naturalmente, o processo degenerativo foi acontecendo, a solidão, o vazio, a frustração, o desespero e o desejo de não existir surgiram também. Era urgente parar e recomeçar. Não tinha como. Por vezes tinha força de vontade, mas o vício logo a aniquilava. Foram onze longos anos. Muitos avisos, muitos incentivos, muitas ofertas de ajuda, mas também, muita surdez.

Mas, porque Deus não desiste e tem sempre uma palavra, usou pessoas, familiares e não só, gente por quem sou eternamente grato, gente que agiu em conformidade com os propósitos de Deus nos seus corações e investiu em mim. Acedi. Precisei de recomeçar. Ingressei no Desafio Jovem, em 7 de Março de 2001 e desde esse dia sou livre, verdadeiramente livre. Hoje trabalho na instituição, junto com a minha família, esposa e dois filhos, desejando que a nossa vida também seja de inspiração para todos aqueles que passam por nós e precisam recomeçar.

Orem por nós, visitem-nos em qualquer uma destas comunidades, e ombreiem connosco esta missão. Não desista de si nem de ninguém. Recomece.

Guerreiro cansado

por Clarisse Barros

POR QUE trazes abatido e cansado o teu coração?

Por que te vence o desalento
Se neste mesmo momento
A paz do céu está à distância de uma oração?

Por que não crês?
Por que não vês
O caminho de Deus na tribulação?
Por que não clamas?
Por que não chamas
Pelo nome que é acima de todo o nome?

Por que deixaste o cansaço instalar-se
E a fé entorpecer?
Por que não te levantaste
Erguendo a espada do Espírito
Para lutar e vencer?
Por que não tinhas os lombos cingidos com a Verdade?
Por que te deixaste amarrar mais uma vez,
Se já tinhas provado o livramento
E a liberdade?

Onde esqueceste a couraça da justiça?
Onde pousaste o capacete da salvação?
Por que te espantas de te veres vencido,
Caído, confuso, de rumo perdido?
Onde está a paz
De andar no evangelho?
Onde está a fé que, como escudo,
Te livra das setas em chama?

Por que calas a dor
E guardas o medo no fundo da alma?
Por que não rompes em fé para combater,
Apesar de tudo o que te é contrário?
Já te esqueceste do vil adversário?
Tu não podes deixá-lo vencer!
Pensas que ele descansa
Ou estabelece quaisquer tréguas?
Não faz aliança, não dá espaço à bonança,
Não há nele verdade nem fidelidade!
Todo ele é trevas, sem nenhuma luz!
Mas tu sabes que ele treme
E bate em retirada
Se proclamares em fé o nome de Jesus!

Não pares agora! Não deixes a estrada
Do serviço ao teu Rei!

Ergue-te de novo, corajoso soldado!
Só perante o Senhor ficarás prostrado.
Veste a armadura,
Agarra firme a espada,
Segura forte o escudo!
O Senhor dos Exércitos vai à tua frente
E é também a tua retaguarda!

Ele guiará teu rumo e tua mente,
Como coluna de fumo e nuvem no deserto.
Guardará os teus passos
Como coluna de fogo na noite escura.
Se adormeceres, ele está desperto.
Se te afastares, pegar-te-á ao colo,
Trazendo-te para mais perto.

Sob o sol escaldante
Ele é sombra e descanso
Para o guerreiro que marcha.
Sob o frio da noite, no ermo,
No lugar solitário,
Nas trincheiras de guerra,
No escuro de qualquer batalha,
Ele é luz e é fogo que alenta e aquece,
Que anima e protege do ataque inimigo.

Descansa um pouco, guerreiro cansado,
Mas desperta de novo, já revigorado!
Veste toda a armadura,
Prepara-te para a guerra!
Não deixes o mal conquistar
A terra que é tua por direito!

Levanta a espada, guerreiro fiel!
Ergue o estandarte com o nome do Rei!
E depois de tudo, depois da batalha,
Depois desta vida,
Estarás de partida para a Casa do Pai,
Onde poderás por fim descansar.

Mas agora é tempo de recomeçar!
Ainda estás aqui – há um plano para ti!
Quero olhar para o lado
E ver-te ali comigo – não fraco e cansado,
Mas um guerreiro armado,
Pronto para ganhar!



VOLTAR A ESTUDAR?

O VALOR DE ESTUDAR A BÍBLIA

por Paulo d'Oliveira

O início de um novo ano é sempre uma oportunidade para tomar boas decisões. E, porque não, voltar a estudar? “Eu? Com a minha idade, voltar a estudar?”, poderá questionar alguém. Sim! É isso mesmo. Volte a estudar. Estou a pensar nos estudos em geral, e também, como discípulo de Jesus, penso, em especial, no estudo da Bíblia.

ANTES DA REFORMA iniciada por Martinho Lutero em 1517, as pessoas não tinham acesso à Bíblia. Hoje, pela graça de Deus, temos acesso à Bíblia que já vem em várias edições de luxo e com vários tipos de anotações. Contudo, o nosso relacionamento com a Bíblia pode ser diverso: ter a Bíblia em casa na prateleira; lê-la de vez em quando numa altura de maior preocupação ou alegria; ouvir a leitura da mesma, cada semana, na reunião da igreja; ler diariamente uma porção das Escrituras de uma forma devocional; estudar mais profundamente determinados temas, etc. Se já está a fazer uma leitura regular da Bíblia, isso é muito bom. Contudo, o estudo aprofundado das Escrituras, abre novas possibilidades para relacionar a mensagem do Novo Testamento com o Velho Testamento. Permite ter uma visão global da mensagem da Bíblia, dar-nos segurança para confrontar ensinamentos errados, dar-nos direção para orientarmos a nossa vida prática de forma a glorificar Deus. Creio que concordará comigo se eu disser que a Bíblia é a Palavra de Deus. Esta afirmação levanta duas questões que têm de ser respondidas: “Mas, afinal, o que diz Deus na Sua Palavra?” e, “Qual a finalidade do que Deus diz na Sua Palavra?”

Ao lermos a Bíblia, estamos a ler um livro diferente de outros livros. É um livro de inspiração divina. Contudo, apresenta algumas barreiras que devem ser vencidas. Por exemplo, a Bíblia não foi escrita em Português. As línguas usadas na redação das Escrituras

foram o hebraico e o aramaico no Velho Testamento e o grego no Novo Testamento. Quando lemos a Bíblia em Português, estamos a beneficiar do trabalho árduo que outras pessoas tiveram em estudar as línguas necessárias para uma boa tradução. Outra barreira é a cultura. Ao lermos a Bíblia, estamos a ler um texto cujas porções mais recentes terão c. 2000 anos de idade. Além disso, a Bíblia foi escrita em culturas muito diferentes da nossa, com outra forma de pensar, com outras influências, com outros problemas, etc. Estas e outras questões devem ser tidas em conta.

Vivemos dias em que, com regularidade, somos confrontados com um mau uso das Escrituras. Grupos religiosos desvalorizam a salvação pela fé, insistindo na prática de boas obras como meio de alcançar paz com Deus. Outros focam tanto no momento presente, que apregoam uma fé com proveito material, próprio e imediato. Outros ainda negam a divindade de Jesus. Mas estes exemplos não são os únicos de um mau uso das Escrituras. Recentemente alguém partilhou comigo que ouviu uma pregação que iniciou com o texto bíblico, mas que, lentamente, se foi afastando daquilo que o autor bíblico quis comunicar e foi divagando por uma série de afirmações que pouco ou nada tinham a ver com o texto.

Fico com vontade de lhe fazer uma pergunta: as mensagens que tem ouvido refletem um ensino claro, baseado no que o texto da Bíblia diz, com aplicações práticas para a sua

vida? Ou, colocando de outra forma: asua pregação ou ensino das Escrituras (por exemplo, na Escola dominical a um grupo de crianças, ou no culto dominical a um grupo de adultos) são o resultado de um estudo sério das mesmas, ou são o resultado da leitura de um livro de um autor conceituado? Estude as Escrituras.

Há algum tempo atrás, um dos meus filhos perguntou-me quando é que eu ia deixar de estudar. Creio que lhe respondi em tom de gracejo: “Quando não conseguir mais juntar as letras para ler”.

Iniciei o estudo da Bíblia na igreja, em casa, acampamentos bíblicos, entre outros. Mas, estudar a Bíblia, é mais do que saber versículos de cor.

Lembro-me que a primeira mensagem que preguei na igreja em Aveiro, há mais de trinta anos foi sobre o rei Josias (2Reis 22.1ss). O livro da lei tinha sido encontrado no templo e Josias ouviu a sua leitura. Isso levou-o a fazer uma reforma religiosa em Judá. Eu preguei sobre isso, mas percebi que me faltava muito conhecimento geral sobre as Escrituras. Mais tarde, no ano de 1982 entrei para o Instituto Bíblico Português (IBP), com o propósito de aprofundar o meu conhecimento na Palavra de Deus.

Terminado o curso de três anos, percebi a necessidade de conhecer as línguas, já mencionadas acima, em que a Bíblia foi escrita. Por isso, depois da graduação em 1985, aprofundei mais os estudos no hebraico e grego. Durante alguns anos continuei a estudar a Bíblia a título pessoal, já em Guimarães, procurando bons livros e investindo tempo no estudo da Bíblia. Entretanto, apercebi-me que a sociedade em que vivemos tinha um olhar diferente sobre a Palavra de Deus. Notei que, por vezes, a minha linguagem com amigos e desconhecidos não crenças, não era eficiente. Percebi que, apesar de ler a Bíblia,



fotos Osvaldo Castanheira

tinha parado de ler a sociedade em que vivia. Em 2009, já com 47 anos de idade, entrei para Universidade Lusófona do Porto para estudar Ciência das Religiões, no ramo de Teologia Protestante e Evangélica. Sendo um curso com orientação secular, o meu maior propósito era entender o que se pensa sobre Deus, a vida e o mundo, na nossa sociedade secularizada com influências de diversas religiões.

A vontade e necessidade de conhecer muito melhor a mensagem das Escrituras continuou a crescer e, em 2013, comecei estudos na North-West University (NWU), uma universidade cristã na África do Sul com a qual o IBP tem parceria para cursos de Pós-graduação, Mestrado e Doutorado. A ênfase recai na exegese do texto bíblico, uma ferramenta fundamental para quem quer partilhar a Palavra de Deus. Ainda continuo a investir no estudo da Bíblia... parece que ainda continuo a conseguir juntar as letras para ler.

Atualmente há diversas oportunidades para estudar a Bíblia. Presentemente, colaboro como professor com duas organizações que oferecem oportunidades para estudar a Bíblia.

O Teófilos (<http://teofilos.org>) é uma plataforma na Internet que oferece cursos bíblicos on-line. Não há aulas presenciais, estando toda a informação disponível na Internet. Este modelo oferece flexibilidade de horá-

rios, havendo, contudo, prazos a cumprir. O IBP (<http://www.ibp-ae.org/index.php/pt/>) oferece várias modalidades de estudo e vários cursos. Nas instalações no Tojal, oferece cursos de Teologia de 1, 2 e 3 anos. Como já mencionado, em parceria com a NWU ofe-



percebi que, apesar de ler
a Bíblia, tinha parado
de ler a sociedade
em que vivia



rece cursos ao nível de Mestrado. Há ainda a Escola Móvel com duas possibilidades de estudos teológicos: o curso Obreiro Aprovado, com aulas presenciais, oferecido no local onde se formar uma turma, e o curso

de Interpretação e Teologia Bíblica Aplicada (ITBA) no sistema B-Learning: há uma aula emissora (com a presença do professor) e diversos pólos recetores (via Skype) que interagem em tempo real.

Seja qual for a sua opção, não deixe de estudar a Bíblia. O Senhor disse a Josué (Josué 1.7,8): “Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem sucedido por onde quer que andares. Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido.”

O livro dos Salmos abre com um poema sobre o homem bem-aventurado que “o seu prazer está na lei do SENHOR, e na Sua lei medita de dia e de noite.” (Salmo 1.1, 2). No Novo Testamento Paulo instruiu Timóteo da seguinte forma (1Timóteo 2.15):

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.”

Leia, medite e estude a Palavra de Deus. Afinal, Deus, o autor último da Bíblia, quer comunicar consigo através dela.



ENQUANTO RE

S E

A hospitalidade envolve receber, criar espaço, ouvir, prestar atenção e providenciar. As refeições levam-nos a reduzir a velocidade, e há quem não goste disso. Gostamos mais de andar para a frente e fazer o que tem de ser feito. No entanto, uma refeição obriga-nos a olhar para as pessoas em vez de para as tarefas. Comer com alguém não é a única maneira de construir relacionamentos, mas é a número um da lista.

É possível permanecer à distância de alguém num encontro público, até numa reunião de estudo bíblico. As refeições aproximam-nos. Vemos as pessoas in loco, na vida, como elas são. Estabelecemos uma ligação e comunicamos. A romancista Barbara Kingsolver descreve o jantar como “o pilar da saúde mental da nossa família”.

“Se tivesse de quantificar”, afirma, “diria que 75 por cento dos meus esforços parentais fundamentais tiveram lugar durante ou em torno da hora em que a minha família se junta para jantar.” A hospitalidade generosa leva à reconciliação, exprime perdão. Não é possível ignorar um conflito não resolvido quando nos reunimos à mesa, não conseguimos comer em silêncio sem perceber que há um problema a ser abordado. Paulo usa a hospitalidade como metáfora da reconciliação quando diz aos Coríntios: “(...) não ofendemos, nem prejudicamos, nem enganamos ninguém. E não digo isto para vos condenar. Já disse que vos trago no coração(...)” (2 Coríntios 7:2-3). A hospitalidade pode ser uma espécie de sacramento do perdão.

Bolo de maçapão. Foi assim que a sogra do meu amigo Chris deu a entender que o tinha aceite na família. Agora, cada bolo que ela faz para ele é uma reafirmação dessa aceitação, e faz com que a iguaria seja duplamente doce. É assim que tantas vezes a comida funciona. Desfrutamos dela não só pelo sabor, mas pelo companheirismo e acolhimento que expressa. De facto, às vezes desfrutamos da comida apesar do sabor por causa do amor em que vem empacotada.

Mais vale comer um prato de legumes, onde haja amor, do que a carne mais saborosa, onde haja ódio. Prov. 15:17

Há muita gente que morre de amores pela ideia da igreja

como uma comunidade. Porém, quando comemos juntos encontramos não uma comunidade teórica, mas sim pessoas reais com todos os seus problemas e caprichos. A mesa é uma oportunidade de deixar de lado os nossos orgulhosos ideais através dos quais julgamos os outros e, em lugar deles, aceitar a verdadeira comunidade criada pela cruz de Cristo, com todas as suas fragilidades e defeitos. É fácil amar os outros num qualquer sentido abstracto e pregar as virtudes do amor. Mas nós somos chamados a amar as pessoas reais sentadas à volta da mesa.

“Aqueles que sonham com esta comunidade idealizada”, avisa Dietrich Bonhoeffer, “exigem que esta seja concretizada por Deus, pelos outros e por si mesmos. Eles entram na comunidade de cristãos com as suas exigências, implementam a sua própria lei e julgam-se uns aos outros, e até a Deus, de acordo com ela.” No entanto, Bonhoeffer afirma que a “comunidade cristã não é um ideal que temos de tornar real, mas antes uma realidade criada por Deus em Cristo na qual podemos participar.” Portanto, “entramos nessa vida juntamente com outros cristãos, não como os que fazem exigências mas sim como os que recebem com gratidão... Não reclamamos pelo que Deus não nos dá; antes somos gratos por aquilo que Ele nos dá diariamente.” Isto significa que a desilusão que experimentamos ao encontrar pessoas reais com os seus problemas é uma lembrança de que “nunca podemos viver pelas nossas palavras e atos, mas apenas por aquela única Palavra e ato que verdadeiramente nos une: o perdão dos pecados em Jesus Cristo.”

A hospitalidade vai gerar “danos colaterais”. Vão entornar-lhe comida na carpete, vai ter de limpar tudo no fim, podem varrer-lhe a despensa. Mas lembre-se de que Deus o acolhe em Sua casa através do sangue do Seu próprio Filho. A hospitalidade de Deus, encarnada na comunhão à mesa de Jesus, é uma celebração e um sinal da Sua graça e generosidade. Generosidade essa que somos chamados a imitar.

As refeições também têm o poder de modelar e remodelar a comunidade. Uma pessoa com quem nos relacionamos numa determinada função torna-se alguém com

... É possível permanecer à distância de alguém num encontro público, até numa reunião de estudo bíblico.

Mas refeições aproximam-nos ...



C

3

FEI

FEI

FEI

FEI

FEI

FEI

FEI

FEI

A S R E F E I Ç O S

PRESENTAÇÃO



quem lidamos como amigo. O serviço mútuo altera a dinâmica de um relacionamento. O líder que serve à mesa deixa de estar distante.

As refeições indicam um estatuto social, e desse modo permitem-nos transformá-lo. Elas são um microcosmos da realidade social que podemos manipular. “A comida é social como substância e como moeda. O que se pode (e decide) servir expressa a nossa posição e ajuda a definir o nosso relacionamento com os outros. O que é oferecido a si, o convidado, é uma medida da posição que ocupa aos olhos da sociedade e do seu anfitrião.” É isto que Jesus está a fazer ao comer com os marginalizados. Eles deixam de o ser quando fazem parte do círculo que se senta à volta da mesa. Quem está sozinho deixa de o estar. O estrangeiro deixa de o ser. Estranhos tornam-se amigos.

Vivemos numa cultura despida de graça. O mundo ainda conserva alguma, pois cada chilrear, cada ato de bondade e cada refeição é um sinal da graça contínua de Deus para com a Sua criação. No entanto, vivemos numa cultura de competição, despojada de graça, em que estamos permanentemente a tentar passar à frente dos outros. É uma cultura de insegurança na qual todos estamos a tentar provar o nosso valor. Guardamos ressentimentos, temos inveja do sucesso e protegemo-nos. Na corrida para o topo temos de esmagar a concorrência ou seremos dilacerados por ela. Ao contrário do Deus de Êxodo 34:6-7, somos implacáveis e impacientes. Doseamos o nosso amor, guardamos rancores e saímos impunes com o que conseguimos. Basta olhar para os rostos das pessoas no metro e vemos a fatura que as vítimas desta corrida destrutiva têm de pagar.

É no meio desta cultura que as nossas refeições partilhadas proporcionam um momento de graça. Um sinal de algo diferente, que aponta para o mundo futuro de Deus. “A vida no reino... exige que adotemos um conjunto de maneiras novas à mesa, e à medida que obedecemos à etiqueta tornamo-nos cada vez mais civilizados de acordo com os códigos da cidade de Deus.” À volta da mesa oferecemos amizade e celebramos a vida. As nossas refeições dão-nos um momento divino, uma oportuni-

dade para as pessoas se deixarem seduzir pela graça em direção a uma vida melhor, mais verdadeira, e a uma existência mais humana.

A IGREJA COMO REFEIÇÃO

As refeições eram fundamentais na vida das igrejas apostólicas: “Reuniam-se diariamente no templo. Partiam o pão ora numa casa ora noutra, comendo juntos com alegria e simplicidade de coração” (Atos 2:46). O único encontro de uma igreja local que o livro de Atos descreve diz respeito à igreja de Tróade. Podemos ler que eles se juntaram para a refeição em comum (Atos 20:7; ver também o versículo 11). Encontraram-se para comer juntos.

Em 1 Coríntios 11, Paulo tem de corrigir os excessos das reuniões da igreja de Corinto porque os ricos não estão a esperar pelos pobres ou a providenciar-lhes o necessário. Os crentes desta cidade reuniam-se para comer juntos, mas de uma forma disfuncional que não refletia o evangelho. A resposta de Paulo, no entanto, não passa por abolir a refeição mas sim realinhá-la com a cruz.

A igreja primitiva reunia-se em casas. A maioria das habitações podia acomodar 30 a 40 pessoas nos encontros, embora em casas maiores seja concebível que se juntassem grupos de cem pessoas para comer. Existem provas de que em meados do segundo século casas estavam a ser adaptadas para o funcionamento de igrejas. As construções de edifícios especificamente para serem igrejas só se tornam verdadeiramente populares quando o Império Romano se torna oficialmente cristão, e as igrejas começam a ser edificadas ao estilo dos templos romanos. No entanto, durante o período apostólico, as igrejas reuniam-se em lares, em torno de uma refeição.

É comum o Novo Testamento apresentar as igrejas como sendo famílias onde Deus é o Pai, Jesus o irmão mais velho e os restantes membros são irmãos e irmãs. Os líderes das igrejas são chefes de família e têm de demonstrar que conseguem gerir os seus próprios lares antes de poderem dirigir o agregado familiar de Deus. Um dos requisitos de um ancião é ser “hospitaleiro” (1 Timóteo 3:2;

DE



COM

MUN

JUN



DA

DA

DE

... Não é possível ignorar um conflito não resolvido quando nos reunimos à mesa, não conseguimos comer em silêncio sem perceber que há um problema a ser abordado ...

**... é isto que Jesus está a fazer ao comer com os marginalizados.
Deixam de o ser quando fazem parte do círculo
que se senta à volta da mesa.**

▶ Tito 1:8; Romanos 16:23). Tenhamos em consideração o facto de que grande parte dos requisitos que as igrejas normalmente pedem para os seus líderes (como, por exemplo, um curso de teologia) não são exigidos por Paulo em 1 Timóteo 3 em Tito 1, mas o que ele pede é que sejam hospitaleiros, quem sabe devido às reuniões da igreja serem refeições de família. Como poderia al-

tos, já que as nossas despesas em nome da piedade são ganho, pois com as coisas boas da festa beneficiamos os necessitados... Antes de se reclinarem, os participantes provam primeiro da oração a Deus. Come-se o bastante para satisfazer os pedidos da fome, bebe-se o adequado à manutenção da sobriedade... Após a lavagem das mãos e da colocação das velas, a cada um é pedido que avance e cante, conforme lhe é possível, um hino a Deus, quer seja retirado das Sagradas Escrituras ou um de sua composição... Conforme a festa teve início com oração, também com oração é terminada.

Os cristãos também davam hospitalidade a outros crentes em viagem, e era assim que recebiam notícias das outras igrejas e expressavam unidade com elas. Mestres itinerantes viajavam de igreja em igreja para as edificar, e eralhes devido acolhimento (3 João 5-8). Mas João alerta os seus leitores para não receberem falsos mestres em suas casas: “Se alguém vier ter convosco e não ensinar assim, não o recebam nas vossas casa e nem sequer o saúdem. É que, se o saudarem, tornam-se cúmplices das suas más ações” (2 João 10-11). Recusar receber estas pessoas significa negar-lhes uma cama para dormir ou não deixá-las falar à igreja reunida na casa? Provavelmente ambas, pois a igreja está tão intimamente relacionada com a casa, e a hospitalidade com a comunhão.

A supressão da hospitalidade é a derradeira sanção da comunidade que é igreja: “Queria dizer que não tivessem contacto com aqueles que se dizem crentes e são imorais, gananciosos, adoradores de falsos deuses, caluniadores, bêbados ou ladrões. Com esses, nem sequer se devem sentar à mesa” (1 Coríntios 5:11). Paulo está a exortar a igreja de Corinto para disciplinar um membro da igreja que, ao que parece, mantinha relações sexuais com a esposa do seu pai. Descreveríamos esta disciplina como “excomunhão”. Paulo fala acerca de entregar esse homem a Satanás e não se associarem a ele (1 Coríntios 5:5). Mas a forma concreta de aplicação da disciplina, e a única mencionada, é pararem de se sentar à mesa com ele. Paulo é rápido a clarificar que podemos comer com pecadores não crentes e que tal constitui um ato missionário. A disciplina é para um indivíduo que afirma ser crente mas se comporta como um incrédulo sem qual-



fotos Osvaldo Castanheira

guém liderar uma reunião com refeição à mistura sem o ser? Como poderia alguém apresentar o generoso acolhimento do evangelho se não acolhia pessoas na sua casa?

Portanto, as reuniões da igreja apostólica eram refeições partilhadas. Não se dava o caso de haver um almoço ocasional, ou petiscarem qualquer coisa antes ou depois dos encontros. Os encontros eram, na verdade, refeições. Tertuliano, teólogo do século II, descreve uma reunião da igreja do seguinte modo:

A nossa festa tem um nome autoexplicativo. Os gregos chamam-lhe ágape, isto é, afeição. Não importam os cus-

**... as reuniões da igreja apostólica eram refeições partilhadas.
Não se dava o caso de haver um almoço ocasional,**

Quem está sozinho deixa de o estar. O estrangeiro deixa de o ser. Estranhos tornam-se amigos ...

quer sinal de arrependimento. Esta sanção só faz sentido se as refeições forem parte integrante da vida da igreja, e a própria igreja é, até certo ponto, corporizada através das refeições partilhadas. Talvez o leitor queira considerar por um instante a rapidez com que um membro de igreja não arrependido daria conta da disciplina da igreja se ele ou ela parasse de receber hospitalidade na sua igreja.

Uma das cartas do Novo Testamento foi escrita especificamente para abordar o assunto das pessoas com quem nos podemos sentar à mesa. Em Gálatas, Paulo diz:

Mas quando Pedro foi a Antioquia, resisti-lhe frontalmente, porque merecia ser repreendido. Com efeito, antes de terem chegado certas pessoas do grupo de Tiago, ele comia com os não-judeus. Mas quando chegaram essas pessoas, ele afastava-se e já não comia com eles, porque tinha medo dos partidários da circuncisão(...) Quando vi que não estavam a comportar-se como deviam em relação à verdade do evangelho, disse a Pedro, diante de todos: "Tu, que és judeu, tens vivido como os que não são judeus, sem seguir os costumes judaicos. Como é que então queres obrigar os não-judeus a seguir os costumes judaicos?"

As nossas refeições expressam a nossa doutrina da justificação. É possível articular uma teologia ortodoxa da justificação pela fé, mas através da nossa mesa comunicar uma doutrina de justificação pelas obras. É provável que tenha sido isto a suceder na Galácia. Os opositores de Paulo naquele local provavelmente estavam a dizer algo como isto aos gentios: "É ótimo terem sido salvos pela fé em Jesus, mas se querem de facto pertencer ao povo de Deus, então têm de ser circuncidados. Até lá, não podemos comer convosco." Paulo ataca esta lógica falsa. Se fazemos da lei a base para comermos uns com os outros, então estamos a operar segundo uma justificação pelas obras (Gálatas 2:11-21). Se vamos por este caminho, então temos de cumprir toda a lei (5:2-4), e sabemos que nenhum de nós é capaz de o fazer (2:15-16). Mas "pela fé que vos une a Jesus Cristo são todos filhos de Deus" (3:26).

Nos filmes clássicos acerca do companheirismo encon-

tramos sempre duas pessoas emparelhadas, tipicamente como agentes de polícia. No início as grandes diferenças que existem criam conflitos. Mas depois de passarem por uma experiência de vida ou morte juntos, desenvolvem uma amizade profunda e duradoura. A igreja é uma comunidade repleta de diferenças que, pela lógica humana, deveria dar origem a conflitos. Mas nós temos uma ex-



periência de vida ou morte partilhada. Somos participantes na morte e ressurreição de Jesus. A Sua morte é a nossa morte e a vida dEle é a nossa vida. Nada expressa melhor isto do que o batismo (Romanos 6:2-3). Agora esta experiência de vida ou morte une-nos em comunidade, pois "não há diferença entre judeus e não judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homem e mulher. Agora constituem um todo em união com Cristo Jesus" (Gálatas 3:27-28). E isto significa que à volta da mesa não podem existir distinções.

Extraído de "A Meal with Jesus, Discovering grace, community & mission around the table", Tim Chester, IVP, 2011.
Tradução de **Jonatas Pires**

**ou petiscarem qualquer coisa antes ou depois dos encontros.
Os encontros eram, na verdade, refeições ...**

DE PRESO POLÍTICO A LIBERTO PARA CRISTO

entrevista de Osvaldo Castanheira com fotos de Carlos Lacerda e registo de som de Benjamim Castanheira

Em Setembro de 1974, no ano da revolução de abril, em pleno PREC, Luís Pereira com 18 anos é preso em Lisboa. Esta entrevista pretende recordar esse momento, os porquês e consequências e o recomeço de vida deste jovem agora com 60 anos cujos pais eram membros à data, da Igreja Evangélica de Sintra.

Pretende também revelar que a vida de muitos que conosco se relacionam domingo após domingo na igreja pode ser um bom testemunho e servir para fortalecer a fé de muitos, demonstrando que “um sobressalto na nossa vida” não deve ser motivo para marginalizar ninguém mas pode ser um motivo de crescimento para a igreja.

Onde estavas em Setembro de 1974, quando foste preso?

Estava no Terreiro do Paço. Mas antes tinha estado na sede da UDP (União Democrática Popular), que era a face visível de um partido comunista, ultra esquerda, semiclandestino, mesmo já depois do 25 de Abril. Estávamos no Campo de Santana, quando ouvimos dizer que um grupo do MRPP estava a colar cartazes em cima dos nossos cartazes que estavam atuais e que anunciavam um comício do nosso partido. Então resolvemos ir até lá para ver o que se passava. Chegamos lá, só conhecia uma pessoa que trabalhava comigo na fábrica de material de guerra de Braço de Prata. Os outros três, que também foram, não conhecia, inclusive o dono do carro que era engenheiro e que trabalhava numa importante empresa de Lisboa.

Quer dizer que tu eras militante da UDP?

Era militante do Partido Comunista Português Reconstruído-PCP/R.

O que era o PCP/R? ¹

Três organizações marxistas-leninistas deram origem a esse partido,

que era semiclandestino. Os que não eram clandestinos eram os que vendiam o jornal do partido. De resto eram todos clandestinos. Todos tínhamos nomes de código, tal como antes do 25 de Abril de 74.

Então, se já vivíamos um período de liberdade, porque é que algumas pessoas foram presas nesse dia?

No nosso caso foi porque morreu alguém, um militante do MRPP.

Mas segundo as teorias marxistas-leninistas-maoistas não havia revolução sem sangue. Então nós pregávamos essa teoria da revolução com sangue. Por isso, para nós, a revolução do 25 de Abril não era válida, não iria dar em nada, pois era considerada por nós de revisionista, pacífica.

Então tu foste preso e acusado de quê?

Nesse dia parámos o carro ao pé da esquadra de polícia do Terreiro do Paço, e não íamos com intenção de fazer mal a ninguém; o que aconteceu é que nós fomos os primeiros a chegar, atravessando todo o Terreiro do Paço onde estava o grupo do MRPP, (três raparigas e dois rapazes), eu no meu caso apenas tirei uma pasta que uma miúda tinha, e fui ver se tinha mais cartazes que pudessem colar em cima dos nossos. Como não tinha, devolvi-lhe a pasta e fui para as arcadas, onde estão os ministérios, descolar os cartazes que eles tinham colado sobre os nossos, e que ainda estavam frescos. Quando acabei vi que havia já mais pessoas, vim a saber que eram do partido, acabei o trabalho e dirigi-me de novo ao carro. Nesse momento, parou perto um táxi cheio de polícias e o próprio taxista gritou, “foram eles, foram eles”. Logo que saíram do carro os polícias começaram a bater e eu sem saber o que se passava. Fomos logo conduzidos para a esquadra, que era logo ali, e eu como não protestei, fiquei caladinho, não fui



• • •
**nós pregávamos essa teoria
 da revolução com sangue**

• • •



• • •
**E foi apanhado esse
 documento, esse papel?
 Não engoli-o.**

• • •

¹ O Partido Comunista (Reconstruído) - PC(R), foi um partido político português de extrema-esquerda, criado em 1975. Definia-se como um partido político revolucionário do proletariado seguindo a doutrina marxista-leninista. Publicava o jornal "Bandeira Vermelha", órgão central do PC(R) e também a revista "Comunismo", a sua revista teórica e política. Estava tradicionalmente ligado à União Democrática Popular UDP.

agredido, mas os outros, que tinham vindo comigo, foram massacrados, pois respondiam em protesto ao interrogatório e, cada vez que abriam a boca, levavam!!!

Foram para a cadeia?

Não fomos logo. E foi assim que eu soube que tinha morrido uma pessoa. Era o chefe do grupo do MRPP, que tinha morrido afogado no Tejo.

Porque alguém o atirou para lá?

Sim alguém o atirou para lá. Havia ali um rapaz de raça negra e um branco, ambos de cabeça ligada, eram os que mandavam mais no grupo e foram atirados para dentro de água.

E como evoluiu a situação?

Depois estivemos lá umas horas na esquadra. Alguém me tinha dado uma receita de Coktails Molotov, que eu tinha escrito num papel, e tinha comigo.

E foi apanhado esse documento, esse papel?

Não, engoli-o. Era pequenino, graças a Deus. Entretanto, passado mais algum tempo, fomos para os calabouços do Governo Civil e passámos lá o resto da noite. Só no dia seguinte é que fomos para as instalações da Policia Judiciária, e estivemos lá três semanas.

E depois?

Depois fomos às acareações, lá na PJ. Só as três raparigas foram a tribunal depois das acareações. Nenhuma delas me reconheceu ou sabia quem eu era, e ficámos a aguardar julgamento em prisão.

As recordações que tenho dessa altura foram de ouvir falar que em determinado momento o António Calaim e o Carlos Lacerda como anciãos da igreja te foram visitar já à cadeia do Aljube. Entretanto o que se tinha passado para ires parar à cadeia do Aljube?²

Os presos que estavam naquele estabelecimento tinham medo de nós e nenhum queria partilhar a cela com quem quer que fosse, a não ser um rapaz que a isso foi obrigado por não haver mais lugares noutras celas. Foi nessa altura que várias pessoas da igreja me foram visitar, mas não me lembro de quase ninguém...

E agora a pergunta que quase toda a gente te apeteceria fazer: eras membro ou simpatizante da Igreja Evangélica de Sintra?

Eu considero que não. Ia à igreja esporadicamente, quando os meus pais estavam cá, porque eles me incentivavam a ir (eles estavam imigrados em França). Quando estava cá sozinho, não ia mesmo.

Quando o Carlos Lacerda apareceu na prisão, eu não era amigo dele, nada disso, eu apenas tinha uma vaga recordação dele dos acampamentos da União Bíblica, de que eu gostava imenso, e então eu pensei assim: o que é que estas pessoas da igreja vêm cá fazer, pois eu não tenho nada a ver com eles? – eu até sou contra a religião - pois era comunista!

Mas havia, cá dentro, qualquer coisa que me fazia pensar e pensar. Nós, mesmo na prisão, estudávamos Mao Tse Tung, Vodjila da Albânia, Marx, Lenine, tipo estudo Bíblico, e concluíamos que a religião era o ópio do povo, tal como os Marxistas afirmam. Era isto que eu professava na altura. Eu era mesmo anticristão. Por isso eu dizia – o que vêm cá estas pessoas fazer se eu não tenho nada a ver com eles?

Não entendeste que era por uma questão de solidariedade e amor cristão para com os teus pais?

Eu nem quis compreender, mas voltando atrás, quando estudávamos todas aquelas teorias, havia sempre qualquer coisa que me deixava na dúvida, será que estas teorias têm razão de ser? Será que isto é certo? Havia sempre qualquer coisa que me fazia interrogar-me. Será que é certo? Mas pronto, quando me foram lá visitar pensei – não tenho nada a ver com eles, não gosto deles, mas o certo é que aquela visita, a partir dali sempre me marcou, sempre, sempre.

Chegaste a ser incriminado ou como é que a situação acabou?

Fomos a julgamento, um deles era militar julgado à parte, eu fui ilibado, não havia acusação de espécie nenhuma, não havia consenso sobre o que tinha ocorrido naquele dia com a morte do militante do MRPP. O Alexandrino de Sousa não sabia nadar, começou a afastar-se, não aceitando o auxílio que lhe estava a ser dado, até que perdeu o pé e morreu afogado. Enquanto alguns foram acusados de ofensas corporais, e foram condenados à pena já cumprida, (os três meses que já tinham decorrido na prisão), eu fui ilibado. O advogado até queria processar o estado português pedindo indemnizações, mas eu não quis. Já cá estava fora e agora queria era mesmo ir-me embora para o pé dos meus pais em França.

E foste para França. Em que é que essa nova situação te influenciou? Continuaste a ser ativista político?

Não! Continuei a votar sempre “esquerda” até deixar de acreditar nos políticos. Depois passei a votar consoante a consciência ditava, até que houve um ano em que não votei. Foi para mim o assumir o



• • •
 o que é que as pessoas da igreja
 vêm fazer à prisão,
 eu não tenho nada
 a ver com eles?
 - eu até sou contra a religião
 - pois era comunista!
 • • •



• • •
 apaga a televisão que
 eu quero ler uma porção
 da Bíblia, e o comer
 na mesa a arrefecer.
 • • •

2 Cadeia do Aljube, situada em Lisboa, foi um estabelecimento prisional que recebeu presos do foro eclesiástico até 1820, mulheres acusadas de delitos comuns até aos finais da década de 1920 e presos políticos do Estado Novo a partir de 1928 até ao seu encerramento em 1965. Foi posteriormente adaptado para presos de delito comum e ainda utilizado para instalação de serviços do Ministério da Justiça. Hoje é o Museu do Aljube - Resistência e Liberdade

máximo descrédito nos políticos, mas deixei de ser militante de extrema-esquerda. Comecei a ler outras coisas, por exemplo sobre a China, onde me davam a entender que as pessoas passavam muito mal, eram maltratadas, na Rússia havia uma ditadura, onde houvesse um governo comunista era ditadura, e isso levou-me a deixar de acreditar na política. Para além disso, o que me marcou foi a visita destes irmãos que nunca esqueci.

Quando fui para França, o meu pai fazia sempre uma reunião familiar, azeda, azeda, nem calculas o que aquilo era. Nós tínhamos a televisão na sala, estávamos a ver um filme por exemplo, e o meu dizia: “Apaga a televisão que eu quero ler uma porção da Bíblia” e o comer na mesa a arrefecer. E eu interrogava-me: O que é isto afinal? Então eu venho para aqui para isto? Porém todas estas coisas me marcaram. O meu pai fazia uma pregação de uns 15 minutos.

Um culto familiar ...

Mas à hora de jantar, que era quando estávamos todos ali com o comer a arrefecer? Aquela situação baralhava-me, irritava-me: para já, eu queria ver o filme, e depois o comer estava a arrefecer. Mas todas estas coisas me marcaram até que depois comecei a ir aos cultos lá em França com os meus pais ao domingo e as recordações começaram a aparecer. As recordações dos acampamentos da UB, da igreja. Uma coisa que me marcou sempre foi o grupo de jovens da igreja com os quais eu não me identificava. Considerava que o grupo de jovens de então era uma elite, onde eu não podia chegar.

Sentias isso?

Sentia isso cá em Portugal. Eram essas as recordações que eu tinha da IES. Era um grupo à parte. Uma elite. Eu não me misturava com eles pois sentia que era desprezado. Nestas recordações eu comecei a perceber que se calhar a culpa até não era deles, mas minha. Ainda não tinha nada a ver com Deus nem com Jesus. Eu pensava muito nestas coisas. Comecei depois a recordar também alguns dos jovens que foram à minha casa e me visitavam. Não havia email. Vem conosco-diziam. Havia aquele concurso da União Bíblica. E eu via que afinal o mal não estava neles mas em mim.

Estas coisas levaram-me a pensar. Possivelmente era Deus a trabalhar no meu coração e eu não compreendia isso. E os meus papéis em França continuavam a ser rejeitados para me naturalizar.

Para te maneres lá em França?

Sim, eram recusados. Eu estava a estudar na Alliance Française, e conheci lá uma moça que era portuguesa, naturalizou-se israelita, e

trabalhava no consulado de Israel em Paris. Conheci a moça, andei com ela, e saíamos ao fim de semana e à noite. Nessas alturas o dinheiro não chegava até ao fim do mês e aquilo era cada qual a pagar as suas despesas. Comecei a pensar: Em Portugal vou poder viver mais tranquilamente! Então regressiei a Portugal onde entretanto já conhecia a Graça, minha futura mulher.

Qual era a tua profissão?

Trabalhava como electricista de painéis luminosos, tipo de iluminação festiva, aplicada em carrocés e publicidade. Vim para Portugal e telefonei a uma vizinha minha, D^a Alice, já falecida. Perguntei-lhe se ela me podia fazer o comer, que eu ia-lhe pagando x por mês. Ela pôs-me à vontade e depois eu pedi para falar com o marido que era estucador. - Viegas, você arranja-me aí trabalho? Ele respondeu: claro, mas só se for como servente. Respondi: Não há problema!

Ainda hoje a política tem grande importância na tua vida como por exemplo o estar a par do que se passa no mundo?

Não, não, eu deixei de acreditar nos políticos e na política. Continuo a achar que, tal como antes entendia, trata-se de uma luta de classes, classes com mais dinheiro contra as menos favorecidas. Acredito que a crise que houve foi uma dessas lutas pois os que eram poderosos hoje ainda o são mais e os que menos tinham hoje ainda menos têm. Penso que a política como hoje é praticada é uma “ditadura mascarada de democracia”, mas podemos chegar lá com as pessoas certas. Por isso eu digo que devíamos ter mais pessoas como aquele irmão, o Dr. Dias Bravo. Temos que ter mais crentes influentes na política e temos provas disso nos países do norte da europa que são desenvolvidos e onde se vive muito melhor.

O tema deste número do Refrigério é “Recomeçar de Novo”. Depois da situação que viveste, dos dias seguintes, o teres que ter ido novamente para França, o voltares, das voltas que a tua vida deu, teve de haver um “recomeçar” da tua vida, teve de haver uma modificação da tua atitude perante o mundo e perante Deus e perante tudo o que te rodeava. Como é que isso aconteceu?

Bem, para já casei. A minha mulher, a Graça, era católica não praticante. Eu não acredito que haja não praticantes em lado algum. Ela queria casar numa igreja que há ali na serra, na Peninha, e eu disse-lhe que numa igreja católica não caso. E ela ripostou – então na tua também não caso. Casamos só pelo registo em casa dos meus pais. Mas a partir desse acontecimento eu passei a ir esporadicamente à igreja, sozinho. Nunca obriguei ninguém a ir comigo, nem



• • •
as recordações dos acampamentos da UB, da igreja, do grupo de jovens, começavam a aparecer
• • •



• • •
quando me decidi batizar eu já sabia que Cristo ia tomar conta da minha vida
• • •

os meus filhos nem a minha mulher. Só dizia – fico triste por vocês não irem, mas pronto vocês fazem o que quiserem, a vida é vossa. A minha mulher nunca disse, não quero ir. E depois começou a ir também, esporadicamente comigo. Até que um dia fomos ao Palácio Valenças ouvir o grupo coral cantar e nesse dia eu disse ao Mário Santos - eu quero cantar neste grupo. - Então vais a uma audição. Como havia falta de “baixos” aproveitaram. Estive a cantar com o Carlos Lacerda e com o meu irmão. E isso marcou-me. A partir daí eu achei que as pessoas acreditavam em mim. E comecei a rebobinar o filme todo. O Carlos, e outros que agora conhecia bem, naquela altura preocuparam-se comigo, sem ser propriamente um amigo. Tudo ia passando pela minha cabeça - afinal estas pessoas não são assim tão más como eu pensava, são pessoas boas e afinal de onde é que isto vem? Cheguei à conclusão que tinham alguma coisa dentro delas que eu gostava de ter também. Iniciei uma busca, a querer trabalhar dentro da igreja, a querer fazer coisas, e a fazer estudos bíblicos. Houve um estudo sobre Romanos, apresentado pelo António Calaim, estudo complicado, eu tomava notas e vinha para casa, sentava-me à mesa, sublinhava as notas a vermelho e verde pela ordem de importância que eu achava - ainda o tenho aí guardado - e comecei a tomar consciência das coisas de Deus.

Outro assunto que pode ser polémico para alguns, e já agora quero saber como encaraste a situação e que mudanças houve na tua vida. Tu eras membro da Igreja Evangélica de Sintra; a determinada altura houve um desentendimento, sobretudo a nível de lideranças e tu deixaste de pertencer à IES e passaste a pertencer à Comunidade Cristã no Algueirão. Isso também foi um recomeço. Estavas num ambiente onde já conhecias toda a gente, onde havia um grupo estabelecido e de repente houve uma grande mudança. Que significado teve, que dificuldades trouxe?

Para já só mudei por uma razão. O Mário Santos era o único que me punha a trabalhar dentro da Igreja. Não saí zangado com ninguém. Punha-me a trabalhar do tipo – Hoje vais pregar a Vila Verde – Eu?, questioneei – Sim, sim vais pregar a Vila Verde – vais tomar conta do grupo familiar da Codiceira – Eu? – Sim, tu vais tomar conta do grupo familiar da Codiceira. Como nunca fui de rejeitar desafios, fui sempre aceitando os desafios que ele me foi dando. Também colaborei de pá e picareta, a abrir o batistério. Colaborava em todas as coisas que ele me pedia. Só saí por causa disso. Não saí por qualquer outro motivo, não tenho problema algum com as pessoas em Sintra sempre

me dei bem com todas. Foi mais um desafio, pois era uma situação nova. Senti também que haveria mais desafios pela frente e também queria fazer parte deles.

Quando estavas ainda na Igreja Evangélica de Sintra, cantavas no coro que era dirigido pelo Mário Santos. Tendo mudado para a nova igreja que se formou entretanto (Comunidade Cristã no Algueirão), continuaste a cantar sempre no coro?

Sim!

O que significa para ti o cantar num grupo coral, cantas porque é preciso, porque há falta de baixos?

Foi a minha tábua de salvação, começar a fazer alguma coisa para Deus, para Cristo. Ainda hoje o sinto. É um privilégio meu servir ao Senhor, fazendo uma coisa que eu gosto tanto de fazer. Não tenho uma voz espetacular, mas é o que eu gosto de fazer. Gosto de louvar a Deus, no grupo de louvor, no grupo Gerações, fazendo o que eu sempre gostei nos grupos onde cantei, comunicar com as pessoas com sentimento. Sentimos aquilo que cantamos. Não sei se estás de acordo: sempre sentimos o que estamos a cantar, e as pessoas que nos ouvem notam isso, mesmo que as palavras que se cantam nem sempre falem, o sentimento com que cantamos diz muito às pessoas. Temos tido experiências maravilhosas com o Grupo Coral Gerações.

Os teus filhos nunca os obrigaste a ir à igreja, nunca os forçaste a nada, as decisões haviam de ser tomadas por eles. O que se passa hoje com eles ao fim de todos estes anos?

Parece que seguiram os passos do pai. Casaram, o Rui, o mais velho, começou a namorar com uma rapariga que não era crente que entretanto se converteu. Mas não são batizados. Esperam por uma decisão conjunta. O Filipe começou a namorar com uma rapariga que ainda não se converteu. Ele é batizado. Ela não e só vai à igreja esporadicamente.

Como gostarias de acabar esta entrevista?

Claro que aqueles foram tempos difíceis, que não apetece muito recordar. O que apetece recordar é que o novo recomeço trouxe coisas muito boas, trouxe certezas. A minha vida espiritual foi um processo, houve transformação, e quando me decidi batizar eu já sabia que Cristo ia tomar conta da minha vida. Po exemplo, eu era uma pessoa pouco tolerante, brigava. Isso faz parte do passado.



● ● ●
**Gosto de louvar a Deus,
 no Coral Gerações,
 temos tido experiências
 maravilhosas com
 este grupo**
 ● ● ●



● ● ●
**temos que ter
 mais crentes
 influentes na política**
 ● ● ●

escrito segundo
o antigo acordo ortográfico

A PENA DO JÓ

crónica de
Jorge Oliveira

A VERDADE SUPLANTA A PÓS-VERDADE

A PORTO EDITORA tem promovido nos últimos anos a eleição de uma palavra que procura enaltecer a riqueza lexical da língua portuguesa. No ano de 2016, a palavra escolhida foi “Geringonça”. Este vocábulo foi usado para designar a ligação parlamentar que apoia o actual governo de esquerda. “Geringonça” simboliza uma coisa malfeita e com pouca solidez. Ao contrário do que muitos imaginaram, a Geringonça esquerdina lá se tem aguentado.

NO FINAL DO ANO PASSADO, os editores que publicam os famosos dicionários britânicos “Oxford” também escolheram a sua palavra do ano. A escolha recaiu na curiosa expressão “post-truth”, que pode ser traduzida para português como “pós-verdade”. Esta expressão surge no contexto da saída britânica da União Europeia (o “Brexit”) e na sequência da surpreendente eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos. Segundo os dicionários Oxford, pós-verdade é um adjetivo que faz referência a circunstâncias em que os factos objectivos têm menos influência na formação de opinião pública do que os apelos emocionais e as opiniões pessoais. Ou seja, as opiniões e emoções vencem a verdade factual.

Parece que o mais importante no pensamento actual é aquilo que cada pessoa opina, defende e escolhe acreditar. A pessoa é toda a verdade que existe. Na cosmovisão pós-moderna (que de moderna não tem nada), cada um tem o seu ponto de vista e isso é a verdade que importa.

Obviamente que a pós-verdade remexe com as entranhas de qualquer protestante esclarecido. O cristão acredita que há uma só verdade, a qual é Jesus Cristo. Os cristãos podem enganar-se, Cristo não. As verdades humanas são relativas

e tendenciosas, Jesus Cristo é a única verdade completa, perfeita e absoluta. Partir do pressuposto que a nossa limitada opinião é toda a verdade que existe é fazer da própria verdade um embuste.

A era da “pós-verdade” não é nova. A Bíblia identifica claramente o inventor da pós-verdade: o diabo. Não há verdade nele e a mentira é aquilo que verdadeiramente o caracteriza. Ele sabe que o inferno está cheio de opiniões e emoções. Talvez o grande catedrático da pós-verdade tenha sido Pôncio Pilatos quando perguntou à própria Verdade encarnada o que era a verdade (João 18:38). Pilatos mandou matar a Verdade. Mas crucificar a Verdade não a cala. A Verdade suplantou a mais tenebrosa das tumbas.

Gosto de um belo texto do russo Fiodor Dostoievski em “Diário de um Escritor”:

Nós já esquecemos completamente o axioma de que a verdade é a coisa mais poética no mundo, especialmente no seu estado puro. Mais do que isso: é ainda mais fantástica que aquilo que a mente humana é capaz de fabricar ou conceber. De facto, os homens conseguiram finalmente ser bem-sucedidos em converter tudo o que a mente humana é capaz de mentir e acreditar em algo mais compreensível que a verdade, e é isso que prevalece por todo o mundo. Durante séculos a verdade irá continuar à frente do nariz das pessoas mas estas não a tomarão: irão persegui-la através da fabricação, precisamente porque procuram algo fantástico e utópico.

A “pós-verdade” é trágica. Tudo o que seja antes e depois da verdade é mentira. A verdade é muitas vezes diferente do que nos contam, do que se lê e vê nas televisões, jornais e redes sociais. A realidade virtual é isso mesmo: apenas virtual. A pior ilusão que a revolução tecnológica nos trouxe foi levar-nos a pensar que aquilo que lemos e ouvimos dos nossos “amigos”, “seguidores”, grupos e grupos é toda a verdade que existe. Não é.

A resposta que Jesus deu ao céptico Tomé, permanece verdadeiramente imprescindível para o Homem pós-verdade: **“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”** - João 14:6. A Verdade é O caminho que se faz Vida. Andemos nEle.



texto e fotos
de Carlos Lacerda

PRODUÇÃO EM FLOATING, MÉTODO HIDROPÓNICO???

Numa das minhas visitas à FNAC, reparei num novo livro colocado recentemente à venda: Bíblia, Volume I. Neste volume I temos, do Novo Testamento, apenas os quatro evangelhos, tradução do grego com apresentação e notas de Frederico Lourenço. Este volume, Edições Cotovia Lda., constitui mais uma versão da Bíblia que eu conheço e é por isso que fiquei feliz pelo valor que é dado aos seus textos



e senão vejamos: é dito em comentário, " são textos que - com a sua mensagem sublime veiculada por palavras cuja beleza desarmante ainda deixa arrepiado quem os leu e releu ao longo de uma vida inteira - estão simplesmente numa categoria à parte. "

E como faço com outras edições que passo a vista por cima, ali, nas minhas vindas de regresso do hospital, não fiquei insensível a querer saber mais sobre este livro. Li um pouco, gostei e terminei a minha curiosidade no capítulo 21 do evangelho de João (onde é narrada uma refeição tão simples e tão rica na partilha de afetos) que me levou a escrever como segue.

Segundo o CM de 14.09 pp, "Os portugueses gastam nos supermercados cerca de 47 milhões de euros por dia". É uma verba apreciável. Se pensarmos que 40% poderão ser gastos em legumes, frutas, peixe e carne (não tenho alguma estatística sobre isto), então temos um valor diário destes produtos de cerca de 19 milhões certamente distribuídos de forma irregular pelo país com maior incidência nos grandes centros urbanos. É de qualquer modo um grande valor. Observação à parte, podemos dizer que os supermercados (grandes superfícies) estão institucionalizados como centros das compras diárias. Fazem parte dos recursos providenciais das famílias sobretudo no final dos dias de trabalho. É só estacionar tirar o carrinho e dar a volta pelas prateleiras, pelas arcas congeladoras... está tudo ali. E os dias passam, passam depressa, dum fim de semana ao outro é um ápice... mas há mais na vida do que viver apressado, correndo, sem tempo e aceitando as sugestões apelativas ao consumo...

Voltei à praça (mercado de Sintra). Sim, eu voltei. Voltei lá e vou tornar a voltar. Naquela terça-feira voltei a um lugar que me traz memórias de infância: a minha mãe mandava-me lá para comprar o caldo verde que era feito na altura pela vendedora do lugar. Então, naquela terça-feira, fui direto aos legumes trazidos das hortas. Já me tinham falado naquele produtor quando, num almoço familiar e de gente amiga, me deram a provar uma salada de tomate que me fez lembrar os que comia nos meus tempos de adolescente. Ali estava o verdadeiro sabor que se distingue do tomate criado nas estufas iluminadas com luz artificial e alimentadas com gases filtrados de mo-

tores a gás; não falando das alfaces que são plantadas de manhã em apoios de esferovite flutuando em autênticas piscinas de mistura de nutrientes em ambiente líquido e à tarde são colhidas, embaladas e enviadas aos supermercados em grandes camiões.

Depois, desci e fui à bancada de peixe, também recomendada. Lá estava o peixeiro e os peixes, ou sejam, vários e de espécies diferentes. Todos eles muito frescos, vindos da lota bem de madrugada. Não perdi tempo e

decidi-me: escolhi um...pargo. E lá fui de sacos na mão muito satisfeito das escolhas daquele dia. Foi bom degustar à refeição esta maravilha da criação, cozido e com o devido acompanhamento, regado com o bom azeite. Obrigado meu Deus por teres criado e sustentado no mar estas criaturas e providenciares quem as traga até nós.

...e voltando à leitura bíblica de João 21:

Naquela tarde ali na praia foi uma surpresa!...difícil de acreditar para o mais simples e comum dos mortais! Dias antes tinha sido uma desilusão, uma tragédia. Mas naquele dia o mundo deu uma volta, uma volta na vida daqueles homens simples que se tinham entregado de alma e de coração a uma aventura inaudita, imprevisível em qualquer lugar sem igual, os discípulos. O homem, companheiro da novidade que transcendeu a vulgar visão do modo de ver a vida e o pensamento de então, estava ali de novo a chamá-los para partilhar agora algo impossível de compreender com os olhos da sua humanidade, da sua inteligência. Mas foi real mesmo! O Cristo crucificado, era Ele ali na praia em pessoa. Quem somos nós, poderia ter passado pelas suas mentes, para merecermos viver estes momentos? Quanta emoção nos homens naquela embarcação quando perceberam que aquelas redes carregadas de peixe tinham tido um promotor. Ele já o tinha feito antes, lembraram-se Não temos dúvida, é Ele! "Afim há mais para viver, há mais para saber" e saltaram do barco o mais rápido que puderam e nadaram para a praia.

E o mais invulgar esperava-os; peixe certamente fresco, acabadinho de assar!...e quantos mais a seguir que eles próprios escolheram daquelas redes plenas. E quem sabe que acompanhamentos? Pão (como o nosso pão de Mafra ou de Janas bem cozido, com côdeas tostadas); e não terá um dos pescadores corrido a casa buscar um jarro de vinho "da casa". Quão bom são os produtos frescos, os caseiros, os naturais, numa festa de família, num encontro de amigos com história!

Mas aquela refeição trouxe mais do que um renovado convívio, mais que o prazer de uma boa refeição. Havia assuntos para tratar. Havia dúvidas nos corações, e havia mágoa no coração de Pedro. O que estava a acontecer, um reencontro com um passado recente que tan-

tas boas memórias tinha deixado, não permitia lugar a ressentimentos? Afinal, estava ali, no estado mais puro, a personificação do amor e que os tratava por irmãos, filhos de um único pai, Aba Pai! Uma nova História ia ser escrita a partir daqueles dias e essa História era mais importante que qualquer fraqueza humana. Por isso era necessário que aquela refeição terminasse com um primeiro passo em frente e definitivo, seguir a Cristo.

Assim “depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?” Disse ele: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: “Simão, filho de João, tu amas-me?” Ele respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse Jesus: “Pastoreia as minhas ovelhas”. Pela terceira vez, Jesus lhe perguntou: “Simão, filho de João, tu amas-me?” Pedro entristeceu-se por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez “tu amas-me?” E respondeu-lhe: “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas.

“assim que, se alguém está em Cristo, nova Criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Coríntios 5:17).

E termino tal como comecei: pelo registo da leitura curiosa, é o termo, do capítulo 23 - Seguir Jesus - do livro do mesmo autor de título - O Livro Aberto: Leituras da Bíblia. Nunca é cedo nem tarde para refletir e crescer na fé em Jesus Cristo.



Nota: As pequenas alfaces estão suspensas em copos sobre placas de esferovite flutuando em tanques de água enriquecida com nutrientes (produção em floating método hidropónico). A produção do tomate, nas estufas em vidro em atmosfera artificial inundadas com CO2, iluminação e aquecimento contínuo, passa com o novo processo, de 26 para 60 kg m2.

Ler “Comer em casa”, de Miguel Esteves Cardoso no jornal Público de 27.12.2016.

“A guerra contra a pequena produção está praticamente ganha e a prova é que já são poucos os pequenos produtores que se atrevem a sobreviver. Quem ganha com esta guerra? Ninguém. Não há nenhum grande produtor que beneficie dela. São mercados diferentes, com agentes, públicos, práticas e dimensões diferentes. Quem perde com esta guerra? Toda a gente. Os pequenos produtores não são apenas “a memória” ou “a tradição” ou a “acumulação de saberes ancestrais”. Os pequenos produtores são o agora, as tangerinas deliciosas que seguro nas minhas mãos, e são o futuro imediato, as novas nabijas do Norte quase prontas, plantadas este ano pela primeira vez.”

Os pequenos produtores são laboratórios e são escolas onde crianças e adultos podem falar com quem lhes trouxe as coisas boas que provaram. São famílias que nos oferecem o tesouro que são produtos familiares. São a nossa casa.”

Departamento
Missionário

DIANA MONTEIRO

Graça e paz a todos os irmãos.

Espero que se encontrem na paz do Senhor. Quero agradecer as vossas orações e ofertas e também a oportunidade de partilhar o que tenho feito neste tempo em que estou no Brasil, para melhor me preparar para a Sua obra. É um privilégio ter irmãos tão queridos participando comigo nesta caminhada.

Tenho sido muito desafiada cada dia a crescer mais, amadurecer espiritualmente e como pessoa. Como já comuniquei na minha carta anterior, decidi, orientada por Deus, pela liderança aí e aqui no Instituto Bíblico, terminar o curso de 2 anos, pelo que ficarei até 16 de Dezembro de 2017, dia da minha formatura. Sintam-se desde já convidados a estarem presentes.

O primeiro ano terminou a 16 de Dezembro e, apesar do semestre muito puxado, pela graça de Deus terminei com média de 98%. Este ano foi muito enriquecedor e valeu todo o esforço.

As férias terminaram a 15 de Janeiro 2017, dando início ao período de 2 semanas de manutenção da escola. Isto vai permitir, se Deus quiser, viajar para Portugal em Julho, onde ficarei todo o mês. Desde já me disponibilizo para dar o meu testemunho se os irmãos acharem por bem convidar-me.

Peço que orem por orientação de Deus para as decisões que vou ter de tomar: continuar o treinamento e ir para o CTMS (Centro de Treinamento Missionário

Shekinah), voltar para Portugal ou outro caminho. Peço que Deus me oriente, pois estou aberta para fazer a Sua vontade e quero obedecer (At 1:8).

Continuem perseverantes na Sua obra, fazendo o que tem vindo às vossas mãos. Um 2017 cheio de bênçãos e que possam continuar abençoar a vida de tantos com o vosso testemunho. Saudades de todos.

Diana Monteiro (Jacutinga - Minas Gerais - BR)

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não temas, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares”

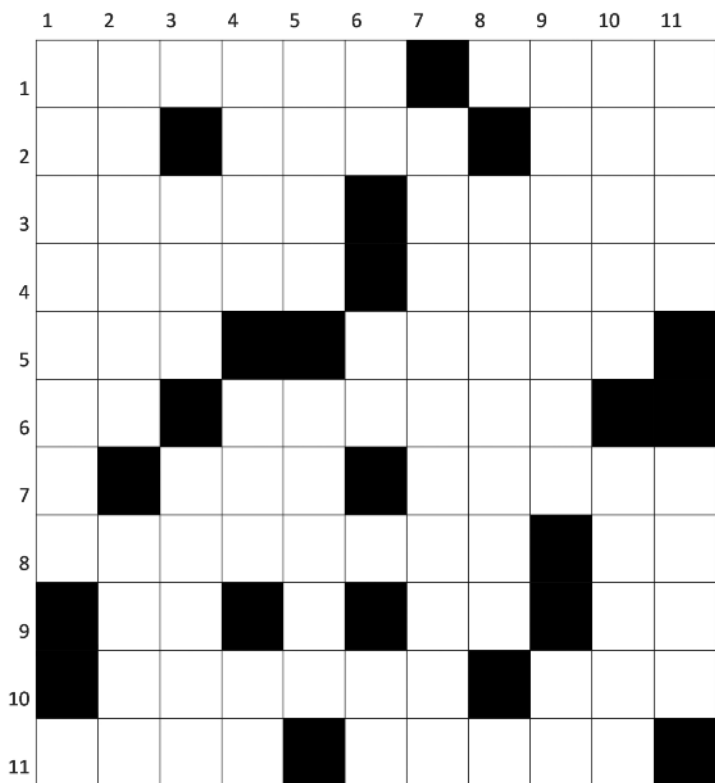
Ver notícia no Refrigério 160 sobre a Diana (que foi comissionada juntamente com o Samuel Ferreira, da Lousã). É uma jovem que nos últimos anos tem trabalhado como militar no exército português e que tem estado muito envolvida na sua igreja local, em atividades com os jovens da região de Coimbra e também na comissão missionária da CIIP. Tem um bom testemunho não somente corroborado pela sua igreja local como também pelos missionários Martinowski que estiveram vários anos a ministrar na sua Igreja local. Viagrou no dia 19 de janeiro para o Brasil, onde vai estudar no Instituto Bíblico Peniel, uma escola com boas referências dadas pelos nossos irmãos do Brasil e orientada para missões”



PALAVRAS CRUZADAS

por José Lacerda

Caro leitor(a), convido-o(a) a fazer uma viagem pela sua Bíblia, para resolver estas "cruzadas". Avalie os seus conhecimentos e ...divirta-se!



HORIZONTAIS: **1.** Cidade edificada por Salomão num oásis rico em água e frutas - atualmente o seu nome é Palmira, conhecida por ser uma jóia arquitetónica, saqueada e destruída nos últimos tempos pela guerra (II Crón. 8:4); uma das principais cidades dos filisteus, hoje frequentemente mencionada nas notícias sobre o Médio Oriente. **2.** Escola bíblica; lugar onde se fundia e trabalhava o ouro (Jerem. 10); animal usado para lavar a terra. **3.** Beber em honra de alguém; ódio, raiva (inv.º). **4.** Deusa na Síria e em Canaã que representava a fertilidade (I Rs. 18); da genealogia de Cristo, foi pai de Eliaquim (S. Lc. 3). **5.** Iniciais da designação por que é conhecida a versão da Bíblia em latim; adquire. **6.** Contrário de ficar; estado de irritação, mau humor (pl., inv.º). **7.** Cidade de Espanha, à beira do rio Minho, com célebre catedral; um dos valentes que vieram em auxílio de Davi quando este fugia de Saul (I Crón. 12). **8.** Lugar onde os filisteus venceram Israel (I Sam. 4); itinerário complementar. **9.** Preposição que indica lugar; sufixo formador de substantivos que dão a ideia de colectividade, ou de adjectivos, nos quais, é equivalente a iço ou ivo; foi praga no Egípto. **10.** Iguaria feita de ovos salgados de esturjão; está deitado. **11.** Terra natal e lugar da sepultura de Samuel; ilha, no sudoeste da Ásia Menor, por onde Paulo passou quando voltou da sua terceira viagem missionária (Act. 21).

VERTICAIS: **1.** Cidade de Israel, situada junto ao Mar mediterrâneo. **2.** Nome de um dos filhos de Samai (I Crón. 2); designação dada a 'meio siclo' do dinheiro usado pelos Hebreus (Êx. 38). **3.** Divindade da Babilónia (Is. 46); receiem. **4.** Que é da raça das mulas; o Sol inglês; ponha-se em movimento de um lugar para outro. **5.** Nesta cidade, fez Gideão um efode com os despojos da vitória sobre os Ismaelitas (Juizes); representação mental de uma coisa (inv.º). **6.** Nome que os antigos egípcios davam ao Sol; o que soldador e professor têm em comum; aspecto. **7.** Oliveira brava. **8.** Fenómeno atmosférico caracterizado por uma aparição brilhante e efémera. **9.** Província da qual Lisianias era Tetrarca, ao tempo em que era imperador de Roma, Tibério César (S. Luc. 3); o eu francês. **10.** Cidade amaldiçoada porque não veio em socorro de Israel - Juizes 5 (inv.º); antigo instrumento musical de cordas (pl.). **11.** Tomava a iniciativa (inv.º); rei de Judá, filho de Jotão.

SOLUÇÕES Nº ANTERIOR

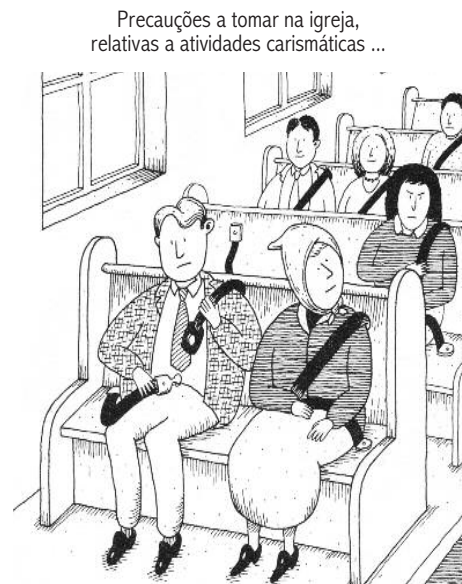
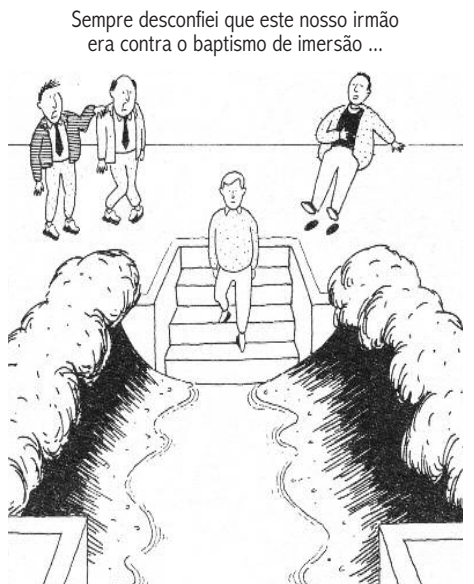
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
1	M	E	S	O	P	O	T	A	M	I	A
2	M	E	R	A	R	I	T	A	V		
3	M	I	A	R	A	R	A	S	A		
4	A	N	O	E	V	O	D	I	A		
5	A	S	S	E	A	O	C	X			
6	C	C	R	E	O	T	N	I			
7	A	G	I	R	H	E	A	C			
8	A	L	A	G	A	R	A	V	O		
9	A	L	A	R	A	S	A	M			
10	V	I	R	T	U	O	S	O	S	U	
11	O				A	C	O	L	H	E	M

De acordo com a "A Bíblia" traduzida em português por João Ferreira de Almeida - edição revista e corrigida na grafia simplificada - 25ª impressão editada pela Imprensa Bíblica Brasileira (Rio de Janeiro - 1972) **Soluções no próximo número.**

Por falta de espaço a continuação do artigo sobre "Humor na Bíblia" entrará no próximo número

HUMOR

por Simon Jenkins adaptado



**NOTÍCIAS
MISSIONÁRIAS
INTERNACIONAL**

CRISTÃOS E MUÇULMANOS DA TANZÂNIA

De acordo com o censo de 2012, a cidade da Tanzânia de Arusha é 82% cristã. A igreja está crescendo tão rapidamente que 100.000 novos testamentos foram distribuídos recentemente. Muitas igrejas novas reúnem para adorar em tendas, mas o Comissário Regional, com a intenção de fechá-las, argumenta que, pelo seu canto, causam 'poluição sonora'. No entanto, a chamada muçulmano à oração por alto-falantes, cinco vezes por dia, não é considerado poluição sonora.

O presidente da Tanzânia está a tentar que o país volte a ser um estado secular com tratamento igual para todas as religiões. Embora ele venha da maioria cristã de 60%, o seu vice-presidente, o primeiro-ministro e os assessores presidenciais são todos muçulmanos, o que ajuda a explicar o rápido processo de islamização do país nos últimos anos. A minoria muçulmana, cerca de 30%, domina a comunicação social e a administração civil. Onze pedidos de registo de estações de rádio cristãs foram recusados pelo chefe da Autoridade de Comunicações, um muçulmano. O ministro do governo que supervisiona esses assuntos é um muçulmano radical.

A LUTA DO SUL DO SUDÃO

Cinco anos se passaram desde que o Sudão do Sul ganhou independência do norte muçulmano, mas quase não houve celebrações. O governo cancelou as funções oficiais, e a maioria das pessoas tem tido pouco para se alegrar. A guerra civil fez com que dois milhões de pessoas se tornassem refugiados em sua própria nação, e novas violências nas últimas semanas trouxeram mais medo.

No meio de todo o horror, as pessoas estão a chegar à fé em Cristo. No entanto, três quartos dos adultos são analfabetos - resultado de um sistema educacional arruinado por décadas de guerra civil - e é difícil os indivíduos experimentarem a cura e o crescimento se são incapazes de ler a Palavra de Deus. Os ministérios cristãos têm trazido esperança através da realização de programas de alfabetização baseados na Bíblia e da provisão de Bíblias.

REPRESSÃO NA CHINA

Em janeiro de 2014, o Partido Comunista Chinês (PCC) lançou uma campanha de repressão religiosa no coração cristão da China, cidade de Wenzhou, na província costeira de Zhejiang. A experiência foi considerada um sucesso, pelo que o PCC está agora pronto para desencadear a repressão em todo o país. Novos regulamentos que entram em vigor dão ao governo total controlo sobre toda a religião, supostamente por motivos de segurança nacional. Todas as igrejas registadas serão fortemente restringidas e atividades religiosas não registadas não serão mais permitidas. Há cerca de setenta milhões de cristãos em igrejas domiciliares não registadas. Além disso, quando a nova legislação do governo entrar em vigor, os advogados da China serão proibidos de falar publicamente sobre os abusos dos direitos humanos. Assim, não só a igreja estará privada de liberdade, mas também estará sem advogados para a defender.

**ÚLTIMA
HORA**

Um novo general

Temos o prazer de vos informar que desde 29 de Dezembro de 2016 o nosso irmão e associado José Luís de Sousa Dias Gonçalves é general. Ficamos felizes e honrados e esperamos que Deus lhe dê energia e sabedoria para o melhor exercício das suas funções.

Coronel
Fernando Freire,
Presidente do MEP

VIDA NA NOVA ZELÂNDIA

Como na maioria dos países onde a cultura ocidental domina, a igreja na Nova Zelândia está ameaçada tanto pela incredulidade básica como por outras religiões. A prosperidade, estabilidade e liberdades da nação criam apatia na população e atraem imigrantes, especialmente de Samoa, Tonga, Ilhas Cook, Fiji e outros lugares ao redor do Pacífico e além.

Vinte por cento das pessoas da maior cidade da Nova Zelândia, Auckland, são polinésios, a maior população polinésia de qualquer cidade do mundo. Muitos deles são indígenas Maoris, mas todos lutam pela mistura certa entre o passado e o presente. Os cristãos da Nova Zelândia sempre foram líderes na atividade missionária internacional, e agora muitos estão enfrentando os desafios do secularismo e da imigração na própria casa.

NOVAS LEIS NA RÚSSIA

Em julho, o presidente Putin assinou uma nova lei contra o terrorismo, que inclui uma série de cláusulas que colocam restrições severas sobre os cristãos evidenciam perseguição cristã. Atualmente é ilegal até mesmo convidar alguém para a igreja sem obter permissão das autoridades. Adoração e oração só são permitidas se não houver incrédulos presentes, e isso aplica-se mesmo nas casas particulares. Os cristãos que discutem sua fé com colegas de trabalho sem terem recebido autorização podem ser punidos, juntamente com as igrejas de onde provêm. As leis, dirigidas especificamente aos cristãos protestantes, resultaram em ação policial agressiva e muitas prisões em todo o país.

Espaço para autocolante ou carimbo de contactos da igreja

A revista REFRIGÉRIO é o órgão oficial da Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal. Através de artigos de edificação, reflexões e notícias pretende contribuir para: anunciar a boa nova de que há salvação em e por Cristo Jesus; levar os crentes a uma maior santidade pessoal; aumentar a comunhão entre os que creem em Jesus Cristo como seu Salvador e Mestre; celebrar vidas e ministérios que têm sido agentes de Deus em Portugal; divulgar eventos relevantes para as comunidades cristãs evangélicas; partilhar Notícias do campo missionário em Portugal; e do que missionários de língua portuguesa em diferentes pontos do mundo estão a fazer no cumprimento da Grande Comissão.